

CORPO, CULTURA E ARQUIVO: FAZENDO MOVIMENTAR OS DISCURSOS SOBRE A ANOREXIA NERVOSA

Mariele Zawierucka Bressan¹

INICIAR É PRECISO... DO CORPO E DA CULTURA: ALGUMAS PONDERAÇÕES

Tomamos, em nosso trabalho, o corpo como materialidade do sujeito. Um sujeito não empírico, afetado pela ideologia e pelo inconsciente, marcado pela cultura, pelo lugar social que ocupa na luta de classes. Mais do que isso, falamos de um corpo doente, de um corpo que se mostra e que é mostrado pelo sintoma: o corpo anoréxico – que materializa uma forma peculiar de se relacionar com o Outro constitutivo.

Fernandes argumenta que, “o corpo é hoje hiperinvestido, porém frequentemente apontado como fonte de frustração e sofrimento, constituindo-se como meio de expressão do mal-estar contemporâneo” (2011, p. 16). Nas palavras da autora (2011, p. 19), “as formações psicopatológicas falam da cultura, ou melhor, retiram dela o material de base que lhes dará forma, que lhes dará imagem”.

É por esse viés que focamos nosso olhar e buscamos imprimir um gesto de escuta à anorexia nervosa, tendo presente a (im)possível relação entre corpo, cultura e arquivo, isso porque, o corpo, enquanto morada do sujeito, reflete, discursivamente, os modos deste se relacionar com a ideologia e com a cultura em um determinado tempo e espaço.

Os analistas brasileiros não ficaram cegos à materialidade da cultura. Esta, como uma dimensão do processo social, diz respeito, pois, à humanidade como um todo e, ao mesmo tempo, com as particularidades de cada povo, nação, grupo humano. Segundo Santos (2012, p. 65), a cultura mantém relações complicadas com a sociedade de que faz parte, isso porque “ela é produto dessa sociedade, mas

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras – Teorias do Texto e Discurso – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

também ajuda a produzi-la, tanto porque está ligada à manutenção de concepções e de formas de organização e de vida, quanto porque está ligada à transformação destas”. Essa asserção relaciona-se aos processos de reprodução/transformação dos modos de produção propostos por Pêcheux, ao longo de sua trajetória teórica.

Assim é que podemos pensar no indivíduo que, inserido socialmente, numa dada formação social, é interpelado pela ideologia, pelo inconsciente e também pela cultura, e se torna sujeito. A cultura, discursivamente, entraria em cena como uma forma de constituição do sujeito.

Trata-se, na concepção de Ferreira (2011, p. 63) de uma forma de teorizar o sujeito em sua constituição na e pela linguagem, a partir da qual nos seria possível pensar em “[...] formas de manifestação de um corpo cultural, amparadas numa figuração triangular: (1) a língua (como torção da linguagem) (2) o sujeito (como posição na formação social) e (3) a cultura (como suporte)”.

À luz do quadro epistemológico da AD, vislumbramos ser possível incluir a cultura nos processos de interpelação e identificação do sujeito. A questão que nos inquieta, a partir daí, diz respeito ao modo como o sujeito anoréxico se constitui, como se dá, nele, os processos de interpelação e identificação pela ideologia, pelo inconsciente e pela cultura. Como estas instâncias se fazem materializar no corpo e que efeitos produzem, tendo em vista a relação entre as formações sociais, culturais e imaginárias.

DO CORPUS AO ARQUIVO... DO ARQUIVO À MEMÓRIA

Pensamos que o corpo pode ser pensado como “[...] um lugar de visualização do sujeito e da cultura que o constitui” (FERREIRA, 2011, p. 177). Compreendemos, também, o arquivo como um lugar discursivo que nos permite acompanhar as práticas discursivas realizadas em determinadas culturas; como um lugar de observatório, que envolveria, segundo Romão et. al. (2011, p. 16) “[...] tanto as materialidades sob investigação, como um modo de observar seu funcionamento e mudança no seio de uma sociedade (dispositivo analítico)”. Por fim, afirmamos que o trabalho do analista envolve a descrição da relação do sujeito com sua memória.

O corpo da anoréxica constitui nosso objeto de análise. Mas, para fazer significar esse corpo, temos também como materialidade o discurso verbal, especificamente a escrita, tanto de médicos em sites especializados e pesquisas científicas como das anoréxicas em blogs Pró-Ana (os quais configuram o que temos chamado de discurso da anoréxica).

Tomamos, como exemplo do que temos chamado de discurso médico e científico, a Classificação Internacional de Doenças, que aponta a anorexia nervosa como um transtorno da alimentação, do grupo F50-F59 - Síndromes comportamentais associadas a disfunções fisiológicas e a fatores físicos. Na nota consta:

anorexia nervosa é um transtorno caracterizado por perda de peso intencional, induzida e mantida pelo paciente. O transtorno ocorre comumente numa mulher adolescente ou jovem, mas pode igualmente ocorrer num homem adolescente ou jovem, como numa criança próxima à puberdade ou numa mulher de mais idade até na menopausa. A doença está associada a uma psicopatologia específica, compreendendo um medo de engordar e de ter uma silhueta arredondada, intrusão persistente de uma ideia supervalorizada. Os pacientes se impõem a si mesmos um baixo peso. Existe comumente desnutrição de grau variável que se acompanha de modificações endócrinas e metabólicas secundárias e de perturbações das funções fisiológicas. Os sintomas compreendem uma restrição das escolhas alimentares, a prática excessiva de exercícios físicos, vômitos provocados e a utilização de laxantes, anorexígenos e de diuréticos.

Em nosso trabalho, essa materialidade configura-se como um discurso que assenta suas bases na busca pela verdade e ganha legitimidade na medida mesma em que se faz verdadeiro. Trata-se de um discurso marcado pelo mundo logicamente estabilizado, de que se refere Pêcheux (2012); discurso este que se faz materializar pelo uso de estatísticas comprobatórias, dados empíricos categorizáveis. Os saberes que compõem esse discurso, por vezes se aproximam dos dizeres das próprias anoréxicas – sendo, portanto, um discurso-outro impresso no discurso da anoréxica, um outro que a constitui.

Chegamos ao corpo discursivo através da leitura de relatos e de imagens, os quais (re)velavam (com toda a sua opacidade) alguns dos modos de subjetivação de sujeitos com anorexia nervosa. Nas escritas, pudemos perceber mais do que o retrato de um distúrbio alimentar, conforme é tratado pelo discurso médico e

científico atual, mas o modo como o sujeito anoréxico se relaciona com a ideologia e a cultura vigente; e, para além da escrita, seus corpos, como materialidade significativa, como corpo discursivo, sujeito a gestos de interpretação; corpo que fala (e é falado), que falta, que falha. É o que podemos analisar no exemplo abaixo, retirado do blog “Pro Ana/Mia” (<http://pro-mia-ana.tumblr.com/>):



Eis nosso *corpus*, que já é, por nosso gesto de leitura, um recorte do que podemos, em AD, chamar de arquivo. Trata-se, de acordo, com Courtine (2009, p. 77), de um *corpora* de arquivo, uma vez que é constituído “[...] a partir de materiais preexistentes, como aqueles com os quais, por exemplo, os historiadores são confrontados”. O *corpus*, assim constituído, nos dá visibilidade ao que, no arquivo, está disperso, opaco.

Apresentamos, até aqui e, de modo bastante sucinto, o recorte que fizemos, a fim de constituir nosso *corpus*. Trata-se de um corte configurado pela ordem do não-todo, da incompletude, mas que remete à ilusão do todo presente na ordem do interdiscurso.

Se entendermos o arquivo como um lugar discursivo que nos permite acompanhar as práticas discursivas realizadas em determinadas culturas, podemos considerá-lo como um lugar de observatório, o que é muito mais do que considerá-lo como *corpus*. O arquivo, segundo Romão et. al. (2011, p. 16) “[...] envolveria tanto

as materialidades sob investigação, como um modo de observar seu funcionamento e mudança no seio de uma sociedade (dispositivo analítico)”.

É por este viés que não dissociamos as noções de arquivo e *corpus*, com as de história e memória, isso porque, é pelo *corpus*, por sua visibilidade, que temos acesso ao arquivo, em sua opacidade, em sua dispersão.

O arquivo, materializado nos recortes que efetuamos ao montar nosso *corpus*, relaciona-se à memória discursiva ou ao jogo entre repetição e acontecimento. Em AD, o que se entende por memória discursiva difere de memorização psicológica. De acordo com Courtine (2009, p. 104), “a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos [...]”.

A partir desta retomada, pensamos ser produtivo trazer para a conversa a psicanálise lacaniana, a fim de promover um efeito de costura sobre a relação entre história, memória e arquivo e nosso objeto de análise: o corpo.

O trabalho analítico permite o trânsito pelas marcas, pelas inscrições que contam o sujeito a partir de seu percurso histórico singular. Lacan (1978, p. 124), ao tratar do estatuto do inconsciente, afirma que o inconsciente é o capítulo censurado de nossa história. Mas a verdade pode ser reencontrada: frequentemente já está inscrita em Outra parte. Lacan refere-se a essa outra parte como sendo:

- *nos monumentos: meu corpo*, isto é, o núcleo histórico da neurose onde o sintoma histórico mostra a estrutura de uma linguagem e se decifra como uma inscrição que, uma vez recolhida, pode, sem perda grave, ser destruída;
- *nos documentos de arquivo* também: e são as *recordações de minha infância*, impenetráveis como eles, quando eu não conheço a proveniência; [...]
- *nos rastros*, enfim, que conservam inevitavelmente as distorções, necessárias para emendar o capítulo adulterado nos capítulos que o enquadram, e das quais minha exegese restabelecerá o sentido. (LACAN, 1978, p. 124, grifos nossos).

Embora AD e psicanálise tenham suas particularidades, dadas as diferenças entre suas práxis, é possível visualizarmos uma aproximação na teorização destas disciplinas, de modo a conceber o corpo como arquivo – ou seja, o corpo como lugar

de observatório do sujeito e de seu funcionamento numa determinada sociedade. Ao mesmo tempo, se levarmos a sério uma tal conceituação, poderíamos também pensar no corpo enquanto lugar de inscrição de uma memória, lugar onde se inscrevem as marcas, os registros, os rastros do funcionamento do sujeito numa dada formação social. Analisemos a imagem abaixo:



Nesta sequência discursiva, retirada de um blog Pro-Ana, o dizer “Não quero comer estou gorda” contradiz a imagem que se dá a ver. O sujeito anoréxico materializa em seu corpo as marcas da anorexia nervosa: no espelho, o que vemos é um corpo cadavérico, extremamente magro; o que o anoréxico vê é um corpo que não condiz com o ideal de beleza da sociedade atual: um corpo magro; o que vê, não é a magreza que vemos. O anoréxico imprime, em seu corpo, os dizeres que constituem o que denominamos de discursos sobre a anorexia nervosa – seja o discurso médico, quanto o discurso da anoréxica: jejua sem limites, faz uso de diuréticos e laxantes para provocar o emagrecimento. No corpo, o registro da doença. O corpo: lugar onde a doença se aloca e deixa suas marcas como discursos que retornam, se materializam no próprio corpo e se tornam memória que constitui o sujeito anoréxico. Corpo: arquivo – lugar de observatório do sujeito e o do seu modo de se relacionar com a cultura e com a ideologia vigentes, lugar de inscrição de saberes, de discursos-outros que, por vezes, se materializam em sintoma.

TERMINAR NÃO É PRECISO...

Longe de buscarmos respostas logicamente estabilizadas para nossas interrogações, propomos, como analistas do discurso que somos, lançar ao nosso leitor a opacidade dos discursos sobre a anorexia nervosa, tendo presente o arquivo que constitui nosso trabalho. Antes de enquadrar tais discursos no que Pêcheux chama de mundo semanticamente normal, buscamos observar e analisar seu funcionamento, bem como fazer movimentar os próprios conceitos aqui mobilizados. Do *corpus* ao arquivo, do arquivo ao *corpus*, construímos o curso de nossa análise e, nesse gesto de interpretação, compreendemos que falar em arquivo implica que falemos também em memória e história.

REFERÊNCIAS

COURTINE, J. J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EduFSCar, 2009.

FERNANDES, M. H. *Corpo*. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FERREIRA, M. C. L. Discurso, arquivo e corpo. In: MARIANI, B. *Discurso, arquivo e ...* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

_____. O lugar do social e da cultura numa dimensão discursiva. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S. e FERREIRA, M. C. L. *Memória e história da/na Análise do Discurso*. São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

LACAN, J. Função e campo da linguagem em Psicanálise. In: *Escritos I*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1978.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. CID 10 – Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. In: <http://cid10.bancodesaude.com.br/cid-10-f/f500/anorexia-nervosa>

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ROMÃO, L. M. S. (ET. AL.) Arquivo. In: MARIANI, B. ; MEDEIROS, V. ; DELA-SILVA, S. (orgs.) *Discurso, arquivo e ...* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

SANTOS, J. L. *O que é cultura?* 16ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.